NOTAS E TRANSCRIÇÕES

IMIGRANTES NORTE-AMERICANOS NO BRASIL(*)

CARLOS STUDART FILHO

A guerra de Secessão, êsse terrível conflito armado que, durante quatro anos, de abril de 1861 a abril de 1865, extremou os filhos dos estados do norte da Grande República Americana e seus irmãos do sul, custando, só aos nortistas vitoriosos, a vida de cêrca de 280.000 homens, a guerra de secessão, dizíamos, teve, em nosso país, repercussões que, embora de âmbito muito limitado, não deixaram, por isso, de ter o caráter de incidentes dignos de referência e análise pormenorizadas.

Advindos, também em grande parte, como uma conseqüência, muitas vêzes anômala, das próprias relações de amizade e comércio que sempre existiram entre os dois povos soberanos, e não em virtude de qualquer dos pequenos, embora numerosos, atritos diplomáticos ocasionais, surgidos, então, entre o governo americano, — pouco respeitador de nossa soberania — e o govêrno brasileiro, alguns dêsses incidentes são hoje assaz conhecidos do público letrado da nossa terra; outros, entanto, jazem ainda, para êle, na semi-obscuridade dos fatos não divulgados pelos cronistas oficiais que fizeram a história do Império. (Ver Cardoso de Oliveira, "Atos diplomáticos do Brasil").

No rol dos primeiros, figuram, em plano destacado, as oscilações da bôlsa de nossos valores mercantis, em particular, a queda brusca da cotação algodoeira sobrevinda em virtude da cessação das hostilidades bélicas entre os exércitos americanos em luta, e que precipitou na ruina numerosas firmas exportadoras do Noroeste, interessadas no comércio do ouro branco.

Na lista dos incidentes pouco conhecidos, devemos incluir o apresamento de um barco de guerra tripulado por confederados, façanha levado a cabo, em águas brasileiras, por marinheiros de uma canhoneira *yankee*.

De não menor interêsse histórico, e também mal divulgado pelos nossos clássicos, é, sem dúvida, a existência de uma corrente emigra-

---

(*) *Publicado em "O Estado", de Fortaleza, de* 10 *de maio de* 1955.

tória de militares sulinos que, depois da luta fratricida e em virtude dela, se criou na pátria de Lincoln e fluiu caudalosa no rumo do Brasil, multiplicando-se por várias províncias do Império.

Eram homens que, incapazes de compreender as excelências dos princípios de liberdade e democracia, em nome dos quais haviam sido batidos e arruinados, buscavam terras onde ainda vigoravam o instituto nefando da escravidão.

Afonso de Taunay, o emérito historiador paulista, trazendo êsses últimos fatos ao conhecimento do público, assim depõe em nota apensa a um dos seus artigos hebdomadários, denominado "Depoimento inédito sôbre Pedro II e o Brasil" (Jornal do Comércio, Rio, 28-3-1955):

"É geralmente sabido que o desbarato completo dos Estados Confederados da América pelo resto da confederação dos Estados Unidos da América, presidida pelo imortal Abrahão Lincoln, fêz com que para o Brasil emigrassem êsses numerosos vencidos que não se conformavam com a derrota. Dêste movimento imigratório surgiram algumas obras de nossa bibliografia nacional, hoje raras, como por exemplo a de autoria do Rev. Ballard Dunn. A maioria dos sulistas para cá emigrados penso que se estabeleceu na província de São Paulo: ficaram alguns ao sul do Espírito Santo, outros no Rio de Janeiro".

"Parece-me interessante assunto de estudo o arrolamento de material bibliográfico decorrente da emigração dos *southerners*, ou sulistas vencidos, para o nosso país. De tôda ela apenas se me deparou, graças à gentileza de bom e saudoso amigo, o Dr. Frederico S. Lana, a leitura do interessante "Brasil the home of southerners or a practical account of the author and others who visite that country, for the same objects, saw and did while in that country, for the same objects, saw and did while in that empire".

"Escreveu Ballard Dunn tal livro em 1866, quer dizer pouco após o esmagamento dos Estados Confederados pelos exércitos de Grant e Sherman, a capitulação do ilustre Lee e a prisão de Jefferson Davis, o talentoso atacador, principal talvez, da terrível guerra civil de Secessão e tão mal inspirado paladino de tão ingrata causa".

Respondendo, de certo modo, ao apêlo do mestre, aqui estamos para informar que não foram apenas 3 as províncias brasileiras que serviram de refúgio aos exilados americanos.

Melhor será, porém, darmos a palavra a Mark Jefferson, que longamente estuda o fato em seu artigo "An American Colony in Brazil", da Geografical Review (nº. abril 1928):

"Em geral os Estados Unidos têm tido, diz êle, poucos emigrantes. A rendição de Lee, porém, encontrou no Sul muita gente incapaz de suportar a existência num país onde a abolição e o Yankee odiado tinham se tornado vitoriosos: tratava-se de grandes proprietários de terra, dos mais abastados sulistas, e que, com numerosos escravos para atender a seus desejos dentro e fora de casa, viviam como príncipes..."

"Foi o fim da guerra em 1865 que fêz os últimos rebeldes derrotados voltarem os olhos para o México e o Brasil, onde os escravos podiam ainda ser conservados..."

"No Brasil, os Confederados pensavam poder ter seus escravos e plantar algodão. Parecia o lugar ideal para continuar a sua velha vida do Sul. Sem dúvida êste foi o quadro apresentado às famílias sulistas pelos agentes do Govêrno Brasileiro em Nova York, onde contrataram com uma companhia de navios o seu transporte dali para o Brasil e adiantaram as passagens por via-férrea dos pontos de origem nos estados Sulistas. Mais tarde êles mudaram o ponto de embarque de Nova York para Mobile e Nova Orleans".

"O Capitão Richard F. Burton estava no Brasil naquela época e esperava grandes resultados da emigração dos Confederados para o Império. Êle estima em 2700 pessoas o número de chegada dos Estados em

1867: 200 no Paraná, 800 em São Paulo, 200 no Rio de Janeiro, 100 em Minas Gerais, 400 no Espírito Santo, 100 na Bahia, 70 em Pernambuco e 200 no Pará; todos Sulistas, que tinham, disse êle: "trocado seus lares desolados por regiões mais felizes". Os 200 que se estabeleceram no Paraná eram "Missourianos, que vinham com considerável capital e que tornariam em pouco tempo muito importante êste centro" — o capitão Burton parecia ver um grande êxodo de Inglêses e Irlandeses das mais baixas classes —, "e quando os Sulistas dos Estados Unidos tiverem se estabelecido no Imperio, êstes homens, tão acostumados a dirigir brancos e a lidar com os proletários e os COLLUVIES GENTIUM da Europa, muito cedo atingirão o fim almejado".

"O resultado não justificou, entretanto, espectativas tão elevadas. Êsses "Rebeldes não submissos", disse Roy Nash, "pouco fizeram no Brasil, mas êste país os marcou, a êles e seus decendentes. Êles foram para o lugar errado". Dos 200 que se estabeleceram no Pará, perto de Santarém, restavam 50 em 1874, quando Herbert Smith os encontrou, "gente do Tennessee, Mississipi e Alabama, que sabiam como fazer o contrabando; eram homens rudes, magros, e que com suas espôsas e filhos tinham vindo para ficar". Mas "estavam cobertos de dívidas, vivendo na sujeira, esquálidos e de corações desencorajados". Já em 1926, "não haviam mais do que 12 ou 15, incluindo a segunda geração! O ÚNICO NORTE AMERICANO QUE NAQUELA COLÔNIA DE SANTARÉM, pode-se dizer que obteve sucesso, FOI UM HOMEM QUE DAQUI PARTIU COM UM CAPITAL CONSIDERÁVEL".

R. Nash, in "A CONQUISTA DO BRASIL", assim depõe sôbre o assunto:

"Quando Burton partiu para as suas incursões pelo interior do Brasil em 1867, encontrou, lenhando na estrada, entre Juiz de Fora e Barbacena, um magote de emigrantes que se dirigiam para os lados do Rio São Francisco. Eram Norte-americanos *sulinos* que, desgostosos com os desfechos da Guerra Civil, abandonavam a Pátria onde o cativeiro acabava de ser abolido e partiam em busca de outras paragens em que ainda florescesse o seu sistema favorito de exploração econômica. Durante a primeira decada que se seguiu ao término da Guerra de Secessão, encontravam-se grupos dêsses rebeldes insubmissos nas proximidades de Curitiba, em Campinas, no Rio das Velhas, sertão de Minas, na parte inferior do Rio Doce, na Bahia, em Pernambuco e até mesmo no Pará, próximo de Santarém, às margens do Amazonas. Pouco influíram êles na vida nacional, mas, sem dúvida, o Brasil imprimiu também sôbre êsses imigrantes e seus descendentes o cunho de sua nacionalidade. Tinham batido em porta errada. Também aí a escravatura já entrava em agonia, mas, ainda mesmo em seus melhores dias, não havia lugar no Brasil para o ódio racial que êsses fugitivos do Mississipi, e de Louisiana, agasalhavam em seus corações rancorosos".

Também Carlos Frederico Hart, em trabalho intitulado "Contribuição para a etnografia do vale do Amazonas", inserta nos Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro (Vol. IV — 1885), alude, embora perfuntòriamente, a imigrantes norte-americanos localizados na região de Santarém